

***A FRENTE DE LUTA PELO TRANSPORTE E AS
MANIFESTAÇÕES DE RUA EM GOIÂNIA DE 2013 A
2016***

Eliani de Fátima Covem Queiroz*

O Brasil viveu uma série de manifestações de rua no ano de 2013, motivadas, em um primeiro momento, como protesto contra o reajuste do preço da tarifa do transporte coletivo em Teresina, Goiânia, São Paulo e em outras capitais. Outras demandas não atendidas somaram-se ao coro dos manifestantes e os atos de indignação cresceram em volume de ativistas e em espaços ocupados.

As manifestações foram lideradas por jovens e estudantes, tanto expressando um descontentamento com diferentes aspectos da realidade nacional, sobretudo com a

* Professora doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Professora assistente do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

gestão política, como contra atos de corrupção. O descompasso entre representantes e representados delineava uma ausência de alinhamento entre os políticos e o povo, acirrando a contradição social (FERNANDES; ROSENO, 2013).

As ondas de protesto daquele ano suscitaram a necessidade de dar maior clareza ao que acontecia, sobretudo, de estudar mais detidamente o movimento atuante em Goiânia, a Frente de Luta pelo Transporte¹. A Frente de Luta surgiu em 2013, de acordo com o ativista Carlos (2014)², em consequência do descontentamento com a qualidade do transporte coletivo urbano da região metropolitana de Goiânia e com o objetivo de barrar o reajuste da tarifa. Desde os ano de 2010 havia um comando de luta contra o aumento da tarifa na cidade, que agregava

¹ Os ativistas criaram inicialmente o Frente de Luta Contra o Aumento da Passagem em maio de 2013. Pelo coletivo lutar também pela melhoria do transporte, os ativistas mudaram o nome do movimento para Frente de Luta pelo Transporte em junho de 2013. Informações no perfil da Frente no Facebook: <https://www.facebook.com/frente.delutago?fref=ts>.

² Informação verbal dada em entrevista. Para resguardar a identidade dos ativistas da Frente de Luta pelo Transporte, a autora está usando nomes fictícios.

ativistas de diversos movimentos sociais e de partidos de esquerda, a juventude do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). No ano de 2013 um grupo de usuários do transporte, a maioria estudantes, criou a Frente de Luta, uma organização que se considera do tipo horizontal, ou seja, sem uma liderança específica e com autonomia³ frente aos partidos políticos, sindicatos e ao Estado.

A trajetória da Frente de Luta pelo Transporte, que segue a linha de ação do Movimento Passe Livre (MPL), está repleta de ações, articulações, reuniões e manifestações que resultaram em conquistas e derrotas desde a criação do movimento. Por exemplo: derrubaram o aumento de 11,11% posto em vigor no dia 22 de maio de 2013, quando o preço da tarifa na grande Goiânia passaria de R\$ 2,70 para R\$ 3,00, mas não conseguiram reverter o aumento da tarifa

³ Autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio. A questão da representação política como elemento principal das relações democráticas faz parte do debate acadêmico e das lutas de trabalhadores e de estudantes. Eles querem aperfeiçoar a democracia, ou romper com ela, buscando nas ideias socialistas inspiração para movimentos denominados autonomistas ou participacionistas (MARTINS, 2001).

no dia 3 de maio de 2014, que passou de R\$ 2,70 para R\$ 2,80. Nem o aumento do dia 16 de fevereiro de 2015, quando a tarifa teve um reajuste de 17,85%, passando de R\$ 2,80 para R\$ 3,30. Em 2016, o reajuste foi de 12,1% e o valor da tarifa passou para R\$ 3,70, e mesmo com manifestações e protestos, os ativistas também não conseguiram derrubar o aumento.

A prisão de dezenas de ativistas nos protestos desde as jornadas de 2013 e a criminalização do movimento foram medidas tomadas pelo Governo do Estado de Goiás para reprimir a ação dos ativistas. Ação alicerçada em princípios e estratégias que marcam a singularidade da Frente de Luta e inscreve o movimento na história de lutas em Goiás, sobretudo na história do movimento estudantil.

1. Frente de Luta pelo Transporte: um histórico de combate

De acordo com alguns ativistas da Frente de Luta (CARLOS, 2014; IVAN, 2014; MÁRIO, 2014; ROSA;

2014; SUELI, 2015; JORGE, 2015)⁴, o movimento surgiu em consequência do descontentamento com a qualidade do transporte coletivo e com o objetivo de barrar o aumento do preço da tarifa. Resquícios da luta em defesa da melhor qualidade do transporte coletivo urbano em Goiânia remontam aos anos de 2003 e 2004. Depois, nos anos 2010 e 2011, havia o comando de luta contra o aumento da tarifa, que agregava ativistas de diversos movimentos sociais e de partidos da esquerda, a juventude do PSOL, PSTU, anarquistas, autonomistas e autogestionários. Em 2013 surgiu a Frente de Luta Contra o Aumento da Passagem, que depois passou a chamar-se Frente de Luta pelo Transporte com uma pauta reivindicatória mais abrangente e que, segundo o ativista Carlos em entrevista, possuía “um viés mais libertário e constituído na maioria por estudantes. Um movimento puxou o outro, um grupo se desvinculou desses grupos do PSOL e do PSTU e criou a Frente de Luta” (CARLOS, 2014). Desde 2003, então, os ativistas vivem um processo político que gerou um acúmulo de lutas e

⁴ Os nomes são fictícios, para resguardar a identidade dos ativistas.

experiências, se desenvolvendo entre percalços, avanços e limites até o presente.

A maioria dos ativistas da Frente de Luta pelo Transporte estuda em vários cursos da Universidade Federal de Goiás (UFG), como Ciências Sociais, Direito, Jornalismo, Psicologia, História, Química etc. Também estão na Frente de Luta estudantes de outras universidades, porém em menor número, como da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e do Instituto Federal de Goiás (IFG). Ainda, estudantes do ensino médio, como do Instituto de Educação de Goiás (IEG), do Serviço Nacional da Indústria (SESI) e do Colégio Estadual Valdemar Mundim, entre outros. Trabalhadores, entre eles professores universitários, porém em número reduzido, também participam do movimento.

Nos anos de 2011 e 2012 os estudantes secundaristas e alguns universitários, começaram uma reação contra o aumento da tarifa de ônibus, protestos pequenos que não tiveram efeito. No começo de 2013, início da formação da Frente de Luta, os estudantes

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[56]

começaram a se organizar pelas redes sociais, mais especificamente pelo *Facebook*, entendendo que um novo aumento da tarifa estava em curso e que precisavam criar uma frente de luta e organizar reuniões para planejar estratégias de protesto. Algumas manifestações chegaram a ser realizadas, porém com número reduzido de ativistas e sem alcançar o objetivo de barrar o aumento da tarifa.

De acordo com alguns ativistas (CARLOS, 2014; IVAN, 2014; MÁRIO, 2014; ROSA, 2014; SUELI, 2015; JORGE, 2015), a primeira grande reunião do movimento estudantil Frente de Luta Pelo Transporte, em Goiânia, foi realizada no dia 21 de abril de 2013, nas dependências da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, localizada na Praça Universitária, no Setor Universitário, na região central de Goiânia. O objetivo dos ativistas era reivindicar a melhoria da qualidade do transporte coletivo, estudar o preço cobrado mediante análise das planilhas de custo das empresas e barrar o possível aumento da tarifa.

As reuniões da Frente de Luta começaram de maneira tímida, segundo os ativistas, com a participação de cerca de 10 pessoas. Depois, com a divulgação dos

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[57]

objetivos do grupo, esse número foi crescendo, mantendo uma média de 60 pessoas, mas algumas dessas reuniões já contaram com a participação de até 200 pessoas. Nas reuniões que congregavam 60 pessoas, 40 eram homens e 20 mulheres. Entre os integrantes mais constantes da Frente de Luta, o número de ativistas masculinos sempre foi maior do que de ativistas femininas.

No dia 28 de abril de 2013, em Assembleia do Sinditransporte, os rodoviários decidiram entrar em greve em toda a Região Metropolitana de Goiânia, a partir do dia 2 de maio de 2013. A Frente de Luta começava a organizar-se e no dia 1 de maio de 2013 os ativistas colavam cartazes do primeiro protesto em vários pontos de Goiânia, marcado para o dia 8 de maio de 2013. O Sinditransporte⁵ assinou contrato com o sindicato patronal e cancelou a greve, mas os motoristas mantiveram a greve. Diante da paralisação, pegos de surpresa, os usuários do transporte realizaram manifestações espontâneas nos terminais.

⁵ Sinditransporte – Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários do Estado de Goiás.

Antes mesmo do anúncio do reajuste da tarifa, as manifestações foram realizadas em vários locais, algumas delas no centro da cidade. No dia 8 de maio de 2013, o protesto foi no cruzamento da Avenida Anhanguera com a Avenida Goiás, reunindo cerca de 600 ativistas, que queimaram pneus e provocaram tumulto no trânsito. Também foram realizadas em terminais de ônibus, como da Praça da Bíblia no Setor Leste Universitário, e no terminal da Praça A, em Campinas. Em algumas dessas manifestações, alguns participantes quebraram e colocaram fogo em ônibus. A diretora técnica da Companhia Municipal do Transporte Coletivo (CMTC), Áurea Maria de Oliveira Pitaluga, foi à Avenida Anhanguera para receber um documento contendo reivindicações dos ativistas.

Em relação à manifestação, de acordo com o ativista Ivan (2014), “apesar de o movimento ter entre os ativistas em sua maioria os estudantes universitários, quem dava corpo às manifestações eram os estudantes secundaristas, do ensino médio, com participação em grande número deles”.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[59]

Outro protesto ocorreu no dia 16 de maio de 2013, no Terminal da Praça A, em Campinas, com os ativistas colocando fogo em 30 pneus para bloquear o trânsito ao redor da Praça. Um grupo chegou a ocupar o terminal, mas a polícia retirou os manifestantes, que continuaram o protesto do lado de fora. Houve disparos de bombas de efeito moral e um policial deu um soco no rosto de um ativista, fato registrado pelas emissoras de TV e mostrado nos telejornais do dia. Alguns ativistas foram detidos e depois liberados.

Os ativistas também participaram de uma audiência pública no dia 27 de maio de 2013, realizada na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, organizada pela deputada estadual Isaura Lemos e a vereadora Tatiana Lemos, ambas do Partido Comunista do Brasil (PC do B), com ativistas da Frente de Luta compondo a mesa, para debater sobre o processo que levava ao aumento da tarifa. A diretora Técnica da CMTC, Áurea Maria de Oliveira Pitaluga, representou a Companhia. Nesta audiência o representante da Superintendência de Proteção aos Direitos do Consumidor do Estado de Goiás, o Procon, divulgou o

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[60]

resultado de uma auditoria nos custos do transporte coletivo e concluiu que o valor justo da tarifa, contemplando o lucro das empresas, deveria ser de R\$ 1,80 em 2013 e não de R\$ 2,70, como era cobrado.

No dia 28 de maio de 2013 cerca de 300 ativistas estava na manifestação e entrou em confronto com a Tropa de Choque e a Cavalaria da Polícia Militar de Goiás, na Praça Universitária, no Setor Universitário. Os policiais usaram balas de borracha e bombas de efeito moral e agiram com violência contra os ativistas. 13 ônibus foram depredados e 24 ativistas foram detidos e depois liberados.

No dia 6 de junho de 2013 os manifestantes voltaram às ruas do Centro de Goiânia para protestar contra o aumento da tarifa. Os ativistas saíram do Teatro Goiânia e seguiram pelas Avenidas Anhanguera, Araguaia, Rua 4, Avenida Goiás, Independência, até chegar ao Instituto Federal de Goiás (IFG), na Rua 77, no Centro, onde realizaram uma assembleia. Durante a caminhada, os manifestantes voltaram a colocar fogo em pneus, dessa vez na Avenida Independência. O Corpo de Bombeiros apareceu para apagar as chamas. O Batalhão de Choque

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[61]

também apareceu. Um policial chutou os pneus e, em resposta, os manifestantes quebraram o vidro de uma das viaturas da polícia com pedras.

Em 19 de junho de 2013, véspera da maior manifestação ocorrida em Goiânia, os ativistas da Frente de Luta se reuniram no pátio da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Goiás, no Campus Samambaia, região norte de Goiânia, para confeccionar cartazes e escudos de madeirite, placas de compensado de madeira, que serviriam para proteção em eventual confronto com a Polícia Militar. Nos escudos foram grafadas palavras de ordem, como “não é violência, é resistência”, “contra a máfia dos transportes”, “saímos da faculdade e do Facebook” e “paz entre nós, guerra aos senhores”.

Por causa do crescimento do número de ativistas nas manifestações de todo país, começaram a participar das reuniões da Frente de Luta dezenas de pessoas desconhecidas dos ativistas, ampliando essa participação para 100, 150 pessoas, segundo o ativista Jorge (2014). Por isso, havia um receio do grupo em fazer determinadas

discussões nas reuniões, com risco de ter algum P2⁶ presente.

Por volta das 15 horas do dia 20 de junho de 2013 os ativistas da Frente de Luta se reuniram no pátio da Faculdade de Letras da UFG, no Campus Samambaia, e organizaram a saída em direção à Praça do Bandeirante, na Avenida Goiás, Centro de Goiânia. Os estudantes seguiram de ônibus, pulando as catracas ou entrando pelas portas dos fundos, gritando: “o motorista é nosso amigo, o seu patrão que é o inimigo”. Quando chegaram ao Centro da capital, o ponto de encontro marcado por eles, o cruzamento da Av. Anhanguera com Av. Goiás, estava tomado por manifestantes que reivindicavam todo o tipo de demanda.

O grupo desceu a Avenida Goiás até a Avenida Paranaíba. Depois subiu a Avenida Tocantins até alcançar a Praça Cívica, principal praça de Goiânia, onde havia grande concentração de manifestantes. Nesse momento o grupo se dividiu em grandes contingentes, indo cada grupo

⁶ P2, na linguagem popular, é um policial descaracterizado, à paisana, que se infiltra em ambientes diversos para investigação. Também chamado de Serviço de Inteligência da Polícia Militar, Serviço Reservado ou Velado (VICENTE, 2009).

em uma direção. Alguns foram para a Praça Universitária e outros caminharam pelas Avenidas 84, 87 e 85. Depois retornaram para a área em frente ao Palácio Pedro Ludovico Teixeira, sede administrativa do governo do Estado, na Praça Cívica. Nesse dia o grupo não entrou em confronto com policiais.

No dia 20 de junho de 2013, portanto, a Frente de Luta levou, junto com outros movimentos e articulações, cerca de 60 mil pessoas às ruas de Goiânia⁷. Os ativistas afirmaram que ficaram surpresos com a quantidade de pessoas no protesto e que, por influência das redes sociais e dos meios de comunicação tradicionais, houve essa hiper aglomeração nas ruas nesse dia, um enxameamento⁸.

⁷ O número de pessoas nesta manifestação – 60 mil – foi passado pelos ativistas na entrevista realizada pela autora do texto. No entanto, a polícia militar estimou em 20 mil pessoas o número de participantes do protesto (O POPULAR, 2013).

⁸ O enxameamento (Swarmings) é uma dinâmica de rede, a manifestação de um fenômeno de interação em sociedades altamente conectadas. Ocorre um enxameamento quando multidões se aglomeram e evoluem sincronizadamente, sem condução alguma (nem pelas ordens dos esquemas de comando-e-controle, nem pela indução inerente aos processos participativos). Sem a direção exercida por algum líder, quando muitas pessoas enxameiam, provocam grandes mobilizações (FRANCO, 2013).

Também as pautas do protesto eram diversas, assim como a motivação para a participação.

Durante a manifestação, os ativistas da Frente de Luta reivindicaram uma vaga destinada à “participação popular” na Câmara Deliberativa de Transporte Coletivo (CDTC) e a publicidade das reuniões e planilhas de custos e lucros das empresas. Devido a uma infinidade de demandas e pessoas que aderiram ao protesto, os ativistas tiveram dificuldades de manter a unidade da manifestação. Diversas vezes os integrantes da Frente de Luta tentavam convencer os manifestantes a ficarem posicionados atrás dos escudos de madeirite preparados pela organização da passeata.

Porém, antes da manifestação do dia 20 de junho de 2013, um conjunto de ações conseguiu reverter o reajuste e a tarifa naquele ano voltou ao preço de R\$ 2,70. No dia 31 de maio de 2013 o governo federal aprovou a Medida Provisória 617, que reduziu a zero as alíquotas do Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) para esse serviço. Dessa forma, as empresas gestoras do transporte

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[65]

coletivo poderiam reduzir o valor das tarifas, a partir da desoneração de tributos. No dia 10 de junho de 2013 o juiz Fernando de Mello Xavier, da 1º Vara da Pública Estadual de Goiânia, determinou a suspensão imediata da cobrança do valor de R\$ 3,00 da tarifa do transporte coletivo da Região Metropolitana de Goiânia, o que ocorreu no dia 12 de junho de 2013.

Outra conquista foi a implantação do Programa Ganha Tempo, no dia 10 de junho de 2013 pela Prefeitura de Goiânia, em que o usuário, pagando apenas uma tarifa, poderia realizar até três viagens no prazo de duas horas e meia. O Programa foi suspenso no dia 10 de janeiro de 2014. Houve a promessa da prefeitura de que o benefício voltaria no mês de outubro de 2014, o que não se concretizou. No dia 4 de dezembro de 2014, alguns ativistas do movimento Tarifa Zero, junto com integrantes da Frente de Luta, realizaram uma manifestação de protesto pela volta do Ganha Tempo em frente ao prédio da Companhia Metropolitana de Transporte Coletivo, a CMTC, quando os ativistas acorrentaram-se na grade que cerca o prédio. O

protesto terminou sem que os estudantes conseguissem a volta do benefício.

O Governo do Estado de Goiás instituiu outro benefício importante, o Programa de Articulação e Participação Política de Goiás – Ação Passe Livre Estudantil, a partir da aprovação do projeto de lei nº 1.982/13 pela Assembleia Legislativa do Estado de Goiás que entrou em vigor no dia 2 de agosto de 2013. Esta foi mais uma conquista da Frente de Luta. O programa é voltado para estudantes de 12 a 18 anos com renda familiar de até três salários mínimos. Goiânia e os municípios da região metropolitana foram os primeiros do país a oferecer gratuidade no transporte público para estudantes depois das jornadas de junho de 2013. O programa encontra-se ainda em vigor até 2017 e beneficia cerca de 51 mil estudantes por ano.

Durante os protestos que aconteceram de abril a junho de 2013, 23 ativistas da Frente de Luta foram indiciados por crimes como formação de quadrilha, corrupção de menores, agressão e depredação do

patrimônio público. Advogados que apoiam a causa dos ativistas acompanham o desenrolar dos processos.

Os ativistas da Frente de Luta se surpreenderam com as manifestações espontâneas não previstas pelos estudantes que começaram a ocorrer em vários terminais de Goiânia, em revolta contra atrasos de ônibus e superlotação. No espaço de dois meses de 2013 – maio e junho – ocorreram 30 protestos espontâneos não previstos pelos ativistas, um a cada dois dias. Um desses protestos ocorreu no dia 19 de junho de 2013, por causa do atraso do ônibus da linha 701, que faz o trajeto Terminal Padre Pelágio, Eldorado Oeste e Monte Pascoal. Cerca de 20 usuários depredaram quatro veículos do transporte coletivo. A chegada da Polícia Militar dispersou o grupo.

De acordo com o ativista Ivan (2014), nas manifestações do dia 20 de junho de 2013 “a articulação da mídia, criando outras pautas para as manifestações, tinha como objetivo burlar a luta de classes e as várias reivindicações do povo contra um Estado burguês e latifundiário como o do Brasil”. O ativista considera que a luta, que no começo tinha um conteúdo claramente classista

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[68]

de estudantes e trabalhadores contra os capitalistas donos das empresas de transporte coletivo e dos governantes que seriam coniventes com esses empresários, foi tomando contornos diferentes, sendo direcionada para a PEC-37⁹ ou contra a corrupção. Não que essas pautas não fossem necessárias, segundo o ativista, mas foram usadas de maneira oportunista pela mídia. Em algumas regiões do país, e também em Goiânia, essa ausência de conteúdo de classes, diante da falta de estrutura e de iniciativa dos movimentos sociais para disputar a consciência das pessoas, conseguiu despolitizar as manifestações.

Outra ativista, Rosa (2014), alega que mesmo se tivessem planejado melhor, não teriam conseguido dirigir aquela quantidade de pessoas – cerca de 60 mil -, até mesmo

⁹ Uma das bandeiras levantadas pelos manifestantes que tomaram as ruas de diversas capitais do país durante as jornadas de junho de 2013 pedia o arquivamento da Proposta de Emenda Constitucional 37/2011, a PEC-37. No dia 25 de junho de 2013, a proposta foi rejeitada pelo plenário da Câmara dos Deputados por 430 votos contrários e 9 favoráveis, além de duas abstenções. Se fosse aprovada, o poder de investigação criminal seria exclusivo das polícias federal e civis, retirando esta atribuição de alguns órgãos e, sobretudo, do Ministério Público (MP) (RODRIGUES, 2013).

por falta de estrutura. “Talvez se a Frente tivesse formado um grupo mais unido dentro da manifestação teria conseguido divulgar as ações do movimento, pelo menos para algumas pessoas mais próximas desse grupo”.

Os ativistas relataram que, durante a realização de manifestações em Goiânia, muitos deles ficaram feridos por causa da repressão policial, com estilhaços de granada de efeito moral, balas de borracha e golpes de cassetetes. Vários estudantes, homens e mulheres, passaram pela revista, que era feita de forma humilhante e vexatória, com atos de agressão física.

Depois de terminadas as manifestações, os ativistas se reuniam, na maioria das vezes na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás, na Praça Universitária, para avaliar o saldo do protesto, quando o ato era realizado nas proximidades da Praça. Em outras ocasiões, a reunião ocorria no Instituto Federal de Goiás, em frente ao Parque Mutirama, no Centro. Nessas reuniões, além da avaliação do dia, os ativistas marcavam uma nova reunião para articular novos atos. Depois de algumas manifestações, os ativistas dispersavam e não realizavam a reunião avaliativa.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[70]

Também ocorreu da Faculdade de Direito da UFG estar fechada e dispensarem a reunião.

No ano de 2013 surgiu, dentro da Frente de Luta pelo Transporte, um grupo de ativistas que formaram o que eles designaram de Bloco Libertário. Foi criado a partir de uma articulação de ativistas marxistas autogestionários e anarquistas, entre outras correntes de esquerda, buscando novas práticas para o movimento.

No dia 25 de julho de 2013, ativistas do Movimento Estudantil Popular Revolucionário (MEPR) publicaram um documento no site do movimento que denotava um profundo descontentamento com alguns acontecimentos dentro da Frente de Luta pelo Transporte, prenunciando um racha.

No dia 14 de outubro de 2013 o MEPR anunciou no grupo fechado da Frente de Luta pelo Transporte, no *Facebook*, a criação da Frente Independente Popular (FIP), que surgiu desse racha dentro da Frente de Luta pelo Transporte, quando parte dos ativistas deixou o movimento. De acordo com alguns ativistas da Frente de Luta que foram entrevistados (IVAN, 2014, ROSA, 2014, MAURÍCIO,

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[71]

2015, BERNARDO, 2014), a maioria dos estudantes da Frente de Luta era de orientação autonomista e anarquista. Outros eram integrantes do MEPR, que era de orientação maoísta, além dos apartidários.

Segundo esses ativistas entrevistados, os integrantes do MEPR queriam mudar a forma de organização da Frente de Luta, para o que denominavam de centralismo democrático. Por conta dessa disputa, enquanto a Frente de Luta queria manter a forma de auto-organização, os integrantes do MEPR queriam trazer o centralismo democrático, criar uma diretoria, que principalmente durante os atos iria dar a linha de como seria o protesto, para onde ir, como ir. Essa divergência gerou um tensionamento, levando ao rompimento dos dois grupos, ou seja, da Frente de Luta e do MEPR e de outras organizações partidárias como a União da Juventude Rebelião (UJR) e Juventude Comunista Avançando (JCA).

Com a saída dos ativistas ligados ao MEPR, os estudantes que ficaram na Frente de Luta continuaram com os princípios que sempre nortearam o movimento: autonomia, independência, horizontalidade, apartidarismo

(e não antipartidarismo), e descentralização, que prega a ação direta e a luta contra a exploração mercantilista do transporte coletivo.

No ano de 2014 a Frente de Luta realizou manifestações contra o novo reajuste da tarifa, embora com um número menor de ativistas. No dia 15 de abril de 2014, a Frente de Luta foi às ruas manifestar, no denominado Dia de Luta Contra o Aumento da Tarifa, no Terminal Bandeiras, localizado no Jardim Europa, região sudoeste da capital. Nesse dia, um ônibus foi incendiado no Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiânia (UFG), na região norte da capital.

O protesto fez parte de uma série de manifestações programadas em diferentes horários e pontos de Goiânia. O não reajuste da tarifa foi o foco das manifestações, porém, a volta do Programa Ganha Tempo e o fim da precariedade do transporte coletivo da capital também fizeram parte das reivindicações. Embora os ativistas empreendessem várias manifestações e protestos, a Frente de Luta não conseguiu barrar o aumento da tarifa naquele ano.

Contudo, um fato de conotação política provocou o maior refluxo da Frente de Luta nesse período. No dia 23 de maio de 2014 os estudantes da Universidade Federal de Goiás Heitor Vilela, 20 anos, e Ian Caetano, 20 anos, e o estudante do Ensino Médio, João Marcos Aguiar, 18 anos, foram presos pela polícia civil, durante a Operação 2,80 e levados a uma delegacia e depois encaminhados para a Casa de Prisão Provisória (CPP), em Aparecida de Goiânia, cidade da região metropolitana de Goiânia. O estudante de Jornalismo da UFG, Tiago Madureira Araújo, de 33 anos, também com mandado de prisão, não foi encontrado pelos policiais e esteve foragido da Justiça. No processo aberto contra os estudantes, constava que eles eram suspeitos de depredar e incendiar 100 ônibus e incitar a violência durante manifestações que pediam melhorias no transporte coletivo da capital.

Após a prisão dos estudantes, no dia 27 de maio de 2014, um grupo de cerca de 500 pessoas protestou no Centro de Goiânia, pedindo a libertação dos presos. Dois dias depois, 29 de junho, os estudantes realizaram uma nova manifestação na

capital, reivindicando a revogação das prisões dos ativistas e contra a criminalização dos movimentos sociais.

Depois destas prisões, os ativistas relataram que houve um certo despreparo da Frente de Luta no sentido de que cederam muito facilmente ao medo inculcado pela polícia. Isso porque o titular da Delegacia Estadual de Repressão às Ações Criminosas Organizadas (DRACO), Alexandre Lourenço, anunciou em entrevista aos telejornais das emissoras de televisão goianas que podia pedir a prisão cautelar de outras pessoas. Para o ativista Bernardo (2014), “os estudantes da Frente de Luta se intimidaram muito facilmente por esse tipo de provocação e recuaram”.

Os três estudantes foram liberados na noite do dia 29 de maio, sete dias depois, ao conseguirem um *habeas corpus*, concedido pela desembargadora Avelirdes Almeida Pinheiro Lemos, da 1ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça de Goiás. Na decisão, a juíza destacou que não havia evidências concretas da efetiva participação dos estudantes nos denominados atos de vandalismo, como constavam nos processos, ocorridos nas ruas de Goiânia, apenas indicadores do envolvimento. A desembargadora também afirmou que a

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[75]

prisão provisória exige que tais indícios sejam mais robustos, pois se trata de restrição a direito fundamental, qual seja a liberdade, sendo a prisão cautelar a exceção. O *habeas corpus* também beneficiou o estudante foragido, Tiago Madureira Araújo.

Embora desde o ano de 2013 estudantes fossem presos nas manifestações, mas liberados pouco tempo depois, nesse caso a repressão instituída pelo Estado foi mais clara e contundente. Foram presos estudantes que eram muito ativos no movimento, participavam mais das ações. Uma prisão simbólica, segundo os próprios ativistas presos, para espalhar um espectro de medo em todo o grupo.

Mesmo com a liberação dos estudantes, os ativistas entenderam que houve, na época, uma desestabilização e uma desarticulação da Frente de Luta, o que era a intenção do governo e da polícia. As manifestações tornaram-se mais difíceis de ser mobilizadas na medida em que as pessoas ficaram com medo. Além desse fator, como o aumento no preço da tarifa foi de dez centavos em 2014, a população entendeu que o aumento não foi exorbitante e não se mobilizou junto com os ativistas.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[76]

O ativista Carlos, em entrevista, preocupou-se com a criminalização dos movimentos sociais, o que representava um risco à liberdade de expressão e de associação. “A polícia trata uma organização política ou social como gangue, quadrilha. Estão querendo criminalizar todo tipo de organização que fere os interesses das empresas e governantes” (CARLOS, 2014). Para o ativista, as respostas que o governo dá é a de intensificar e sofisticar a repressão, o que pode levar a um estado de exceção. A militância política passa, então, a ser criminalizada e vigiada. As pessoas ficam com medo de protestar.

Os ativistas também se preocupavam com a infiltração de policiais descaracterizados, os denominados P2, nas reuniões e protestos. Em Goiânia perceberam a atuação de vários desses policiais, principalmente nas manifestações. Um ativista alertou na página da Frente de Luta GO na rede social *Facebook* que existiam infiltrados nos movimentos, contando um exemplo que ocorreu no Rio de Janeiro, para alertar o grupo:

Galera, em tempos de repressão não existe paranoia que não se justifique. No Rio de Janeiro um infiltrado de vinte e poucos

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[77]

anos passou mais de um ano entre militantes, se auto intitulava anarquista, ia para a mesa de bar, fumava um com a galera, chamava para dormir na casa dele, ficava com o pessoal, ganhava confiança dos mesmos, fez até "seguidores". Estava dentro de um pequeno e restrito ciclo de informações sobre as manifestações puxadas contra a copa no Rio de Janeiro. No entanto somente ele não fora preso, quando os 23 caíram na cidade, afinal ele era o principal delator e testemunha contra os militantes presos (FRENTE DE LUTA GO, 2014)¹⁰.

No ano de 2014, após as prisões e liberação dos estudantes no mês de maio, o movimento não realizou nenhuma manifestação e nem mesmo reuniões públicas. No ano seguinte, no dia 13 de fevereiro de 2015, a CMTC anunciou um novo reajuste no preço da tarifa de 17,85%, um aumento de 50 centavos, passando de R\$ 2,80 para R\$ 3,30. Na terça-feira da semana seguinte, dia 17 de fevereiro, a Frente de Luta realizou uma reunião no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), no Setor Universitário, com a presença de cerca de

¹⁰ Post retirado da Página Frente de Luta GO, no *Facebook*, publicado pelo perfil do movimento.

60 pessoas, para organizar uma manifestação para a sexta-feira, 20 de fevereiro.

Na reunião foram discutidos local e horário para a concentração dos manifestantes, trajetos que seriam percorridos, estratégias de segurança contra a repressão policial e formas de divulgação da manifestação, que deveria ser feita sobretudo em terminais de ônibus. A reunião seguiu o modelo implantado pelo grupo: sem liderança específica, todas as pessoas tinham liberdade de falar e propor as ações que eram votadas e acatadas ou não pelo grupo. Várias tarefas foram designadas aos integrantes da Frente de Luta.

No dia do protesto, 20 de fevereiro, observado pela autora deste trabalho, os manifestantes saíram da Praça Universitária, passaram em frente ao prédio da Companhia Metropolitana de Transporte Coletivo (CMTC) na 1ª Avenida, no Setor Universitário e seguiu pela Avenida Anhanguera, até o terminal da Praça da Bíblia, no Setor Leste Universitário. Nesse local houve o momento mais tenso, quando homens da polícia e os cerca de 300 manifestantes entraram em confronto.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[79]

Na Avenida Universitária vários painéis de fotos sensores¹¹ e placas de sinalização de trânsito foram derrubados. Um prédio da Saneago¹², que fica na Rua 225, e uma agência do Banco do Brasil, na 5ª Avenida, ambos no Setor Universitário, foram depredados. No final da manifestação, cerca de dez manifestantes virou um carro da TV Serra Dourada, emissora afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Vários ativistas foram presos e liberados alguns dias depois. Depois dessa data, outras manifestações menores foram realizadas, com a participação de poucos ativistas, no entanto, não conseguiram retroceder no aumento da tarifa. As manifestações foram perdendo força, até cessar ainda no primeiro semestre de 2015.

No dia 6 de fevereiro de 2016 a CMTC reajustou o valor da tarifa em 12,1%, passando de R\$ 3,30 para R\$

¹¹ O foto sensor é um conjunto de três bobinas colocadas debaixo do asfalto, em ruas e avenidas da cidade, que detecta a passagem de um material ferromagnético, ou seja, o carro. As bobinas apontam a velocidade do veículo e se esta for acima da velocidade registrada na memória do computador, o flash dispara e uma foto é tirada da placa do veículo (WERNECK, 2009).

¹² Saneago é a Companhia de Saneamento de Goiás.

3,70. Ativistas da Frente de Luta e usuários protestaram no dia 12 de fevereiro no Terminal da Praça da Bíblia, no Setor Leste Universitário. Houve depredação de bancas de vendedores ambulantes, destruição de catracas, placas de sinalização das linhas de ônibus dentro do Terminal foram arrancadas e algumas cabines de funcionários do terminal foram quebradas.

A Frente de Luta pelo Transporte, juntamente com alguns integrantes de um grupo autodenominado Estudantes do Povo¹³, realizaram outra manifestação no dia 17 de fevereiro de 2016. Por volta das 17 horas, cerca de 200 pessoas que se concentrava na Praça Universitária desceu a Rua 10 em direção à Praça Cívica, no Centro. De lá, eles desceram a Avenida Goiás até a Praça do Bandeirante e retornaram pela mesma via. Na Rua 3, houve um princípio de tumulto. Manifestantes queimaram algumas faixas e os policiais que acompanhavam o protesto atiraram bombas de gás.

¹³ Estudantes que integram o Movimento Estudantil Popular Revolucionário (MEPR).

Antes dessa manifestação, no dia 15 de fevereiro de 2016, a promotora de Justiça do Ministério Público do Estado de Goiás, Leila Maria de Oliveira, propôs ação civil pública pedindo a suspensão do aumento da tarifa, alegando que as empresas que operavam no sistema não estavam cumprindo com o que estava acordado no contrato de concessão do serviço e que também não havia previsão de melhora nesse sentido. O juiz Élcio Vicente da Silva, da 3ª Vara da Fazenda Pública do Estado de Goiás determinou no dia 23 de fevereiro de 2016 a suspensão do reajuste. A tarifa voltou a custar R\$ 3,30, valor em vigência antes do aumento.

No entanto, a satisfação dos usuários durou pouco tempo. No dia 5 de março de 2016 a desembargadora do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, Elizabeth Maria da Silva, acatou o pedido em agravo de instrumento feito pela HP Transportes e suspendeu a liminar. O preço da tarifa, então, subiu novamente para R\$ 3,70.

Antes disso, no dia 2 de março de 2016, usuários manifestaram durante duas horas no Terminal Cruzeiro, em Aparecida de Goiânia, cidade da região metropolitana da Capital, provocando o fechamento do Terminal, em uma

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[82]

manifestação espontânea. O protesto foi motivado pelo atraso em várias linhas de ônibus. Durante a ação, dezenas de pessoas bloquearam a Avenida Rio Verde, que passa em frente ao terminal, no sentido bairro-centro. Dois ônibus foram depredados, um homem foi preso após chutar a porta de um dos veículos. Os manifestantes tentaram bloquear a saída dos ônibus, mas foram impedidos pela PM. Após uma reunião entre manifestantes e representantes da Rede Metropolitana de Transportes Coletivos, a RMTTC, ficou definido que haveria um aumento de 40 linhas saindo do terminal.

Questionados sobre se a Frente de Luta tem feito escola, deixando algum legado importante em relação à prática das manifestações, com o surgimento de protestos espontâneos nos terminais, sem a participação da frente de Luta, alguns ativistas consideraram que, ao ver várias pessoas lutando por uma causa específica, que é o transporte coletivo, isso despertou a atenção das pessoas que vivem na periferia, trabalhadores e estudantes. Para o ativista Ivan (2014), o sentido do protesto passou a ter uma legitimidade maior ao perceberem que, “se eles estão

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[83]

lutando eu também posso lutar pelos mesmos direitos. A partir do momento que você vê pessoas lutando e falando sobre o problema, isso faz a pessoa se agigantar e se mobilizar”. Os ativistas percebiam que o que estava ocorrendo era uma forma de *feedback*, de retroalimentação. De acordo com Ivan, essas reações foram espontâneas, intensificadas e potencializadas com as ações da Frente de Luta.

Nesse sentido, foram importantes as intervenções dos ativistas da Frente de Luta na ida aos terminais de ônibus e paradas de ônibus em vários pontos da cidade para distribuir panfletos, conversar com trabalhadores e usuários do transporte coletivo. Além da ida aos grêmios estudantis em colégios de ensino médio, no trabalho de base de formação política dos estudantes. Realizando palestras e rodas de conversas nesses colégios, sobre a falta de qualidade do transporte coletivo e sobre as ações da Frente de Luta com vistas a melhorar essa qualidade. Toda essa formação política popular faz parte do legado da Frente de Luta.

No ano de 2016, com a suspensão da liminar e a volta do valor da tarifa a R\$ 3,70, a Frente de Luta não conseguiu arregimentar pessoas para protestar. Isso acontecia todos os anos, depois de 2014. As manifestações eram realizadas logo que o reajuste era anunciado e colocado em vigor, mas como os ativistas não conseguiam reverter o aumento, os ativistas dispersavam e as manifestações deixavam de ser realizadas. “Chegamos a marcar várias vezes, mas apareciam dez ou cinco pessoas, o que inviabilizava o protesto. O mesmo acontecendo com as reuniões. Apareciam poucas pessoas, não tinha como deliberar nada” (ROSA, 2014).

Nesses períodos, o movimento entrava em refluxo. Não realizava reuniões e as esparsas comunicações entre os ativistas aconteciam nas páginas do grupo na rede social *Facebook*. Nesses espaços, no período de refluxo, surgiam divulgação de outras causas, como a greve de professores da rede pública de ensino em 2015 e, por último, a ocupação dos colégios pelos estudantes do ensino médio no ano de 2016, contra a implantação das Organizações Sociais do

setor da Educação pelo Governo do Estado de Goiás, uma forma de terceirizar a educação pública.

Mesmo assim alguns ativistas preocupavam-se com o desânimo dos companheiros e postavam textos de incentivo para continuarem na luta. Este texto foi publicado em 2014 e repetido no dia 30 de março de 2015 na Página da Frente de Luta GO, na rede social *Facebook*:

Companheiros, não podemos deixar a lutar morrer, não podemos desistir dos sonhos de uma sociedade mais digna onde a classe do proletário tenha uma voz maior que os patrões. Mesmo com muitas intrigas, discórdia, posicionamentos diferentes, grupos diferentes, nossa união é necessária para que os patrões saibam que estamos vivos, que estamos unidos e prontos para a luta assim como estivemos ontem, assim como estamos hoje e estaremos sempre. Mesmo que grande parte da sociedade se faça de cega, todos temos a missão de abrir os olhos dessa sociedade, de falar todos os dias no trabalho, nas escolas, faculdades, dentro dos ônibus, que estamos sendo explorados nas passagens de ônibus, pois 3,30 é roubo, nas compras do supermercado e em várias outras situações. Então uni-vos, erguei-vos vossos punhos e vamos à luta juntos. (FRENTE DE LUTA GO, 2015).

No entanto, mesmo com os períodos de refluxo, o que motiva alguns ativistas a continuarem participando da Frente de Luta “é justamente a possibilidade de contribuir com o processo de avanço da organização e da consciência. Quando eu milito dentro da organização é para fazer esse debate político mais amplo” (MAURÍCIO, 2014). Mas, de acordo com alguns ativistas, essa intenção esbarra na prática do movimento, já que grande parte dos integrantes da Frente de Luta tem caráter prático, o que importa a cada momento é o momento em si, geralmente não há uma visão a longo prazo, não há uma visão para além da luta contra o aumento, para além da luta pelo transporte. “O tempo inteiro, a Frente de Luta nunca discute a si mesma, ela discute o transporte, mas discutir a si mesma não ocorre. Foram poucas reuniões que teve esse debate. Quando teve, foi para expulsar alguém” (MAURÍCIO, 2014).

No entanto, o histórico da Frente de Luta até agora reflete o que Maia (2016, p. 23) define como reemergência das lutas autônomas no Brasil, que buscam novas práticas políticas, novas formas de ação, organização e diálogo. Isso porque “quando um determinado movimento se diz

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[87]

autônomo, independente, horizontal, apartidário e que prima pela ação direta e pela combatividade, ele está demarcando um espectro político específico, bem como está delineando o modo como vai atuar, como vai fazer política”.

Considera-se que a Frente de Luta vive na prática todas essas características, que fazem dela um movimento de luta autônoma. Desde 2013, nas reuniões empreendidas, manifestações e atos, palestras e rodas de conversas realizadas, o movimento teve como princípio levar a termo uma luta autogestionária, que também induzisse o transporte coletivo, mote dessa luta, a uma autogestão, com os trabalhadores gerindo todo o sistema. Uma espécie de utopia que ainda não foi alcançada.

Em relação ao perfil de uma luta revolucionária, Maia (2016) pondera que, se no capitalismo a ética dominante é a da competição, dentro da organização revolucionária deve-se incentivar a solidariedade, se o que domina é a desigualdade, a organização deve incentivar a igualdade, se o que predomina é o formalismo, a organização deve incentivar a vida concreta, se o que é

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[88]

hegemônico é a divisão do trabalho, a organização deve incentivar a integralidade do ser humano. Nesse sentido, segundo o autor, as organizações autogestionárias devem criar em seu interior formas de sociabilidade, organização e formas de ação que se configurem como uma antípoda da sociedade capitalista.

Considera-se que os principais objetivos da Frente de Luta – melhorar a qualidade do transporte coletivo e barrar os aumentos abusivos – são justos e alcançáveis, mercedores de crédito e apoio, porém as práticas e estratégias adotadas pelo movimento não coadunam com esses objetivos, distanciando o grupo de uma possível conquista.

Na articulação das reuniões e manifestações, os ativistas da Frente de Luta usavam com intensidade as redes sociais da Internet, principalmente o *Facebook*, o que ajudou a agregar novos ativistas à causa, mas que também expos a forma de agir dos ativistas, informações usadas pelo serviço de inteligência da polícia para coibir as ações do movimento. O uso das redes sociais pelos ativistas configura o que é designado como ciberativismo.

Milhomens (2009) define ciberativismo como o uso de tecnologias digitais ou de informação e comunicação para a mobilização e enfrentamento político, social e/ou cultural. De acordo com o autor, o ciberativismo surgiu com a popularização da Internet no começo da década de 1990. A rapidez, articulação e velocidade que as informações levam para chegar a várias partes do mundo despertaram a atenção e interesse de diversos setores da sociedade, incluindo aí os ativistas de inúmeras causas. Estes mesmos setores começaram a fazer uso dessa nova tecnologia comunicacional e, então, criaram o termo ciberativismo, ou seja, o ativismo exercido por meio das tecnologias digitais e da Internet, presentes no mundo ciberespacial.

Embora a Frente de Luta tenha feito uso das redes sociais para angariar novos ativistas e divulgar as ações do movimento, nas articulações e estratégias do grupo enfrentou limites e dificuldades que não permitiram alcançar as metas propostas.

2. Os limites para as ações da Frente de Luta pelo Transporte

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[90]

Ao analisar o contexto de manifestações e protestos impetrados no Brasil a partir da década de 2000 até o ano de 2016 – com destaque para o ano de 2013 –, considera-se que os jovens estão na vanguarda das lutas, juventude essa que também compõe a base social da Frente de Luta pelo Transporte, como citado anteriormente. Viana (2015) concebe que existem todas as possibilidades para a continuidade de um movimento dialético da condição juvenil, que fomenta identidades e práticas que recriam os valores culturais e a memória social de maneira rebelde, quem sabe até revolucionário. Insuflando poder nas ações diretas que, de um contexto reformista, no caso da Frente de Luta, poderia migrar para um caráter revolucionário ao reivindicar mudanças estruturais na sociedade, que não estejam ligadas tão somente à questão do transporte coletivo urbano.

No entanto, a Frente de Luta esbarra numa série de limites, barreiras e percalços para a evolução madura da ação empreendida até agora. O primeiro limite é que os ativistas estão atualmente na condição de estudantes, que ainda não agem politicamente como trabalhadores em seus

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[91]

respectivos locais de trabalho. Há uma necessidade de incorporar na Frente de Luta os trabalhadores, de várias categorias profissionais, para que a cultura trabalhadora possa incrementar as ações dos ativistas, dentro de um contexto de luta de classes, para que possam avançar nas reivindicações e demandas do grupo.

Outro limite é a dificuldade em incorporar nas fileiras dos ativistas os usuários do transporte coletivo. Em entrevista, o ativista Sérgio (2016) argumentou que a manifestação é importante, porque só assim se consegue chamar a atenção para algo muito específico, que é a questão do transporte coletivo urbano. É difícil conseguir a adesão dos usuários. Para que isso ocorra é preciso mostrar que o povo é explorado. A manifestação vem para plantar aquela semente na consciência popular. Levar esse fato para os usuários das cidades que compõem a região metropolitana de Goiânia que não podem vir para a manifestação e possibilitar que eles enxerguem isso, que é errado um preço tão alto, “e eles fazerem suas manifestações lá, dar consciência para o pessoal de Senador Canedo, Trindade, Nerópolis, para eles também fazerem

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[92]

suas manifestações. Para não ficar centralizada apenas em um grupo de estudantes, com 200 pessoas que vão para a rua”.

Ainda na entrevista, Sérgio (2016) considera que as manifestações de 2013 foram importantes para disseminar essa prática, já que o número de manifestações espontâneas nos terminais de Goiânia teve um pico depois das manifestações de 2013, sobretudo em 2014:

Eram os usuários fazendo manifestações nos terminais. Então demonstrou ser uma conscientização e foi um fato positivo, até para o próprio movimento, porque as pessoas pensaram, “Ah, não está adiantando fazer manifestação na rua, então a gente vai fechar o terminal”. E os ativistas da Frente de Luta queriam fechar o terminal nas manifestações que faziam, só que não conseguiam porque as manifestações da Frente de Luta estavam evidentes. A gente marcava um evento no *Facebook* para chamar a galera, a polícia ia junto, viam para onde você estava indo, eles traçavam a nossa rota, tentavam descobrir para onde a gente iria, plantavam um P2, então a gente nunca conseguia fechar um terminal, mas o movimento espontâneo conseguiu fechar vários terminais e em várias vezes.

Contudo, excetuando estas ações espontâneas dos usuários do transporte, de fechar terminais e fazer protestos, essa prática não se converteu em movimento político mais amplo e organizado, não avançou para o estágio autônomo da luta dos usuários em seu conjunto. Portanto, é mais um limite da luta pelo transporte coletivo urbano em Goiânia. Não é um limite em si da Frente de Luta, mas um limite do movimento histórico dentro do qual a Frente de Luta se insere (MAURÍCIO, 2016). Nesse ponto concorda-se com Maurício, por se tratar de um limite que restringe novas adesões e novas conquistas dos ativistas.

Segundo Maurício (2016), também não conseguiu a adesão dos trabalhadores do transporte coletivo urbano, que reivindicavam aumento salarial justo, mas não havia uma organização política entre eles, para que pensassem melhorias no transporte coletivo como um todo, para o motorista, enquanto trabalhador, e para o usuário, enquanto beneficiário desse serviço. Nesse sentido, nenhuma melhoria efetiva no sistema de transporte coletivo seria possível sem a ação e o movimento político dos trabalhadores do sistema (motoristas, apontadores,

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[94]

mecânicos etc.). Sem a atuação destes trabalhadores para pressionar as empresas, bem como a prefeitura e o Estado, qualquer modificação de caráter mais amplo no sistema de transporte coletivo estava inviabilizada e também as conquistas que por ventura a Frente de Luta e o conjunto de usuários poderiam conseguir.

Outro limite se dá a partir da repressão da polícia e da criminalização judicial, problemas já abordados neste texto. Dois fatores que contribuíram para que o movimento entrasse em refluxo, em especial em 2016, quando foram poucas as manifestações realizadas pela Frente de Luta. O ativista Sérgio (2016) considera que

é uma coisa até natural do governo, fazer assim, mandar a polícia para as ruas, para bater em estudantes, bater nos manifestantes que estão ali, fechando metade da rua ou fechando uma rua inteira com uma faixa contra o governo, contra a burguesia, contra os burocratas e os empresários. É muito conveniente para o governo fazer isso. E silenciar a mídia do jeito que ele consegue fazer, que é por meio do patrocínio: “Oh, se você não fizer o que estou mandando, noticiar o que não é verdade, você não vai receber”. Então é conveniente para o governo e ele vai fazer isso toda vez que achar que estamos

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[95]

tocando na ferida dele bem profundamente.

Diante da falta de perspectiva para a volta da atuação do movimento, Sérgio (2016) lamenta o estágio de imobilidade que a Frente de Luta vive na atualidade:

Acho que a gente está em colapso ultimamente. Não sei se a Frente de Luta pode voltar não. Estamos em um momento de instabilidade política no Brasil, em 2016 que nos deixa incertos sobre certas coisas. A gente não sabe se os empresários vão continuar contribuindo para as campanhas eleitorais. Se um político ganhar, alguém que tenha outra configuração será que ele vai estar realmente ligado aos empresários? Acho que a gente tem que esperar para ver. A Frente de Luta pode voltar, né? Ela deve voltar e pode voltar com uma configuração nova, do pessoal que acabou de entrar na universidade, e está ganhando sua consciência política, porque agora eu estou no mercado de trabalho e o meu movimento agora é como trabalhador.

A forma de atuação da Frente de Luta comprova várias teorias sobre os movimentos sociais, sendo a principal característica do grupo a autonomia que mantém frente a sindicatos, partidos políticos, ao governo e instituições.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[96]

3. Movimento autônomo

Os movimentos sociais da atualidade possuem características complexas que, no entanto, comprovam a tese de diversos autores sobre movimentos sociais. Os estudos empreendidos sobre a Frente de Luta pelo Transporte reforçam uma das teorias de Tarrow (2009), de que os movimentos sociais surgem do confronto político e de que a luta política alimenta as ações utilizadas pelo grupo e norteia suas estratégias.

Na concepção do autor, a ação de confronto é feita por pessoas que não têm acesso regular às instituições, que agem na defesa de exigências que não foram atendidas e que se comportam de maneira que desafia os oponentes ou as autoridades, como é o caso dos ativistas da Frente de Luta pelo Transporte. Os movimentos sociais, como a Frente de Luta, usam o confronto para explorar as oportunidades políticas, criar identidades coletivas, reunir as pessoas para determinado fim e mobilizá-las contra oponentes mais poderosos, que são as empresas operadoras

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[97]

do transporte coletivo e o governo. As manifestações e protestos tornam-se um duelo de estratégia e contra-estratégia entre os ativistas e os opositores. Dessa forma, entre os ativistas surge o aprendizado político pela ação empreendida. Aprendizado este que passa a ser aplicado em novas investidas.

Outra teoria reforçada por este estudo sobre a Frente de Luta é a dos repertórios de Tilly (1978), da necessidade da inovação tática quando os repertórios ficam muito conhecidos da ação repressora, que consegue maior eficácia na contenção do movimento e dos protestos (MCADAM, TARROW, TILLY, 2009). Por outro lado, a repressão e outros impedimentos levam os ativistas a fazerem concessões às facções mais radicais do movimento, com o uso exacerbado da violência e depredação, como também ocorreu com a Frente de Luta.

Reforça, ainda, outra teoria desses autores, de que os ciclos de confronto se dão por contágio, por divulgação das ações, mas que a decisão racional individual de cada ativista tem um peso substancial e define a adesão ao movimento, essa teoria foi confirmada pela pesquisadora,

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[98]

que a divulgação é importante, mas que muitos ativistas participam por decisão pessoal de adesão à causa.

Castells (2013) é outro autor cujas teorias se comprovaram, como a do ciberativismo e de que as redes sociais trouxeram um novo elemento aglutinador para os movimentos sociais, de facilidade de comunicação e autonomia frente às mídias tradicionais, que cria alternativas importantes de avançar nas ações e ter uma maior possibilidade de alcançar seus objetivos. Esses movimentos alavancam uma mobilização emocional desencadeada pela indignação que a injustiça provoca e também pela esperança de uma possível mudança em função de exemplos de revoltas exitosas em outras partes do país e do mundo.

Não se pode esquecer do alerta de Zizek (2011), de que os movimentos sociais precisam de planejamento e projetos a longo prazo de ações que redundem em transformações reais na sociedade, já que as manifestações, por si só, não garantem conquistas concretas e duradouras.

Também concorda-se com Soares (2016), de que o movimento estudantil pode investir na defesa de outras

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[99]

causas e demandas, além das causas acadêmicas, fortalecendo as lutas contra as desigualdades sociais, as injustiças e formas de opressão que marcam as estruturas da sociabilidade capitalista. O movimento estudantil tem um papel crucial na luta de classes, na qual a análise deve ser feita a partir da perspectiva da classe trabalhadora, seus interesses e projeto de classe e sociedade.

Grosso (2006) acerta ao afirmar que o movimento estudantil enfrenta novas condições socioeconômicas e políticas criadas, dialeticamente, pelas metamorfoses do sistema capitalista na atual fase. Delineia-se, dessa forma, no âmbito da solidariedade social, alternativas subjetivas, mas também concretas, como práxis social que podem potencializar uma nova investida do desejo autogestivário dos estudantes.

Portanto, os ativistas da Frente de Luta pelo Transporte vivem em uma dimensão histórica que retrata as contradições sociais postas pela classe dominante com apoio irrestrito do governo estatal, no caso, do Estado de Goiás. Esses ativistas se engajaram na luta movidos, em um primeiro momento, pela insatisfação com a qualidade do

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[100]

transporte coletivo urbano, do qual todos são usuários. Em um segundo momento, a motivação se deu a partir de uma consciência política sedimentada em teóricos e teorias declaradas de esquerda, como o marxismo, anarquismo e movimentos autogestionários.

O grupo promove ação direta, organiza manifestações e protestos que são previamente planejados em reuniões abertas, com orientação organizacional que tem como princípios a horizontalidade, ou seja, sem líder específico e sem escalões diretórios, de caráter autônomo, independente, apartidário e com gestão que é feita de forma descentralizada.

A Frente de Luta, depois de uma separação dos militantes do Movimento Estudantil Popular Revolucionário, que formou a Frente Independente Popular ainda no ano de 2013, manteve o princípio de horizontalidade, que foi votado em assembleia pela maioria de ativistas, se constituindo como espaço democrático para a tomada de decisões, com todos os participantes tendo o mesmo direito de voz e voto.

Outra característica predominante do movimento é a de ser completamente e impreterivelmente autônomo em relação a uma possível influência de sindicatos, partidos políticos, empresas privadas, grêmios estudantis e centros acadêmicos, além do próprio governo. Considera-se a autonomia como principal característica do grupo. Mesmo atravessando períodos conturbados por causa das prisões e tentativas de criminalização do movimento, os ativistas conservaram-se irredutíveis nesse ponto.

Embora a Frente de Luta conserve em seu acervo de atos e conquistas a bravura da juventude estudantil, emblema próprio dessa geração, a autora percebe que o movimento não deixou de ser reformista, ou seja, que levanta uma pauta de reivindicações e apresenta à Companhia Municipal de Transporte Coletivo, para que sejam atendidas em nome do povo, sobretudo em nome do trabalhador. A Frente de Luta ainda não avançou para o patamar de movimento revolucionário.

Também não conseguiu avançar do estágio de luta autônoma para o de luta autogestionária, que prevê formas revolucionárias de mudanças concretas na sociedade. Nesse

sentido, não conseguiu vencer as determinações históricas premidas pelo sistema capitalista e nem alcançar a totalidade das reminiscências sociais que levem a um novo tipo de organização social.

A Frente de Luta também sofre com a heterogeneidade existente nas reuniões empreendidas, na discussão de temáticas que não avançam, com integrantes repetindo a fala do anterior e travando a tomada de decisões do movimento. Longas reuniões para poucas decisões realmente importantes. Há ainda o excesso de reuniões, já que em um dado período foram realizadas de três a quatro reuniões em uma mesma semana, sem consenso significativo para o grupo, consenso que poderia ter gerado decisões apontando para o avanço das ações.

Outra dificuldade é a de trazer os trabalhadores para o movimento, também os usuários do transporte coletivo urbano, pessoas que poderiam dar uma sustentação maior à base social da Frente de Luta e na conquista das reivindicações colocadas. Nem mesmo a adesão dos trabalhadores do transporte coletivo urbano, como a

categoria dos motoristas e cargos relacionados, a Frente de Luta conseguiu arregimentar.

Essa dificuldade está relacionada com questões de classe, pois muitos estudantes pertencem a uma classe social diferente da dos trabalhadores, por terem renda familiar em torno de R\$ 10.000,00. A linguagem usada pelos estudantes é outro entrave, já que o discurso empreendido por eles denota toda uma bagagem acadêmica e cultura difícil de ser entendida por muitos trabalhadores. Os estudantes da Frente de Luta possuem valores e concepções que não são as dos trabalhadores, que não encontraram uma forma de ir até ao chão de fábrica e falar a língua desses operários e fazerem-se entendidos por eles. Ainda, os estudantes possuem representações sociais cultivadas em patamares completamente diverso das representações dos trabalhadores, muitos deles pobres em consciência de classe, como afirma Gramsci (1972, 2002).

Considerações finais

Se forem colocadas à parte as ingerências, os conflitos e limitações do movimento faz-se necessário considerar a Frente de Luta pelo Transporte como o movimento estudantil mais representativo dos últimos 49 anos em Goiás, isso porque o ativismo estudantil mais significativo antes disso foi dos estudantes secundaristas em 1968.

Portanto, a Frente de Luta se inscreve na história do movimento estudantil goiano como um grupo que foi criado, se consolidou e realizou ações que mudaram a realidade do usuário do transporte coletivo, ao conquistar a queda do reajuste da tarifa do transporte coletivo em 2013, de conquistar o passe livre estudantil e, por um período, o Programa Poupa Tempo, além de envidar esforços para que os aumentos da tarifa nos anos posteriores não viessem a ser concretizados, mesmo não conseguindo seu intento.

Os ativistas da Frente de Luta têm como princípio que somente por meio da ação direta, dos protestos é que podem conseguir atendimento das reivindicações, por isso

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[105]

a opção é a de organizarem-se e lutar. Isso porque as manifestações podem levar a uma transformação macroestrutural a partir da politização da sociedade, porque as pessoas podem passar a se sentirem incomodadas com a situação vigente e buscar atuar de alguma forma contra o sistema.

Também defendem que a resistência popular é a única forma de garantir mínimas condições de vida no capitalismo para uma grande parcela da sociedade, já que nenhum direito conquistado é permanente. Para os ativistas, é preciso lutar constantemente pela manutenção do que já foi conquistado e pela ampliação dessas conquistas.

Portanto, partem para a defesa de que a melhor opção para o transporte coletivo urbano de Goiânia é esse sair das mãos das empresas operadoras e os trabalhadores fazerem a autogestão. Isso porque se o trabalhador cuidar da sua ferramenta de trabalho será melhor. O trabalhador não estaria pensando apenas no lucro, mas na qualidade e no serviço que estaria prestando. Não que o trabalhador não pensaria na sua questão existencial, suas necessidades materiais, mas a qualidade de vida desse trabalhador seria

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[106]

diferente se toda a gestão do transporte coletivo estivesse na mão dele.

Nesse sentido, diante de todas essas reflexões, concebe-se que as lutas autônomas ressurgiram no Brasil, e no caso específico de Goiás, foram realizadas pela capacidade dos estudantes em empreenderem ações que resultaram em uma transformação social concreta, embora fossem tombados pela repressão policial e pela criminalização judicial com o objetivo explícito de barrar o movimento. No entanto, sente-se entre os estudantes que compõem a Frente de Luta pelo Transporte o empenho e o ardor em continuar na luta, em perseguir os ideais e dar prosseguimento à combatividade na defesa de serviços de qualidade para os próprios estudantes, para os trabalhadores e a sociedade como um todo.

Referências

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[107]

FERNANDES, Edson; ROSENO, Ricardo de Freitas. *Protesta Brasil: das redes sociais às manifestações de rua*. São Paulo: Prata, 2013.

FRENTE DE LUTA PELO TRANSPORTE. 19 de junho de 2013. *O que é a Frente de Luta pelo Transporte? O que queremos?* Disponível em: <<http://passapalavra.info/2013/06/79539>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

FRANCO, Augusto. *Interação, inovação e sociedade em rede*, 2013. Disponível em: <<https://super9me.wordpress.com/tag/swarming/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere* v. 6: Literatura. Folclore. Gramática. Trad.: Carlos Nelson Coutinho & Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *Introducción a la filosofía de praxis*. Barcelona: Península, 1972.

GROPPO, Luís Antonio. *Autogestão, universidade e movimento estudantil*. Campinas: Autores Associados, 2006.

MAIA, Lucas. *Nem partidos, nem sindicatos: a reemergência das lutas autônomas no Brasil*. Goiânia: Edições Redelp, 2016.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[108]

MARTINS, Ângela Maria. *Autonomia e gestão da escola pública: entre a teoria e a prática*. Campinas, 2001. Tese (doutorado) Faculdade de Educação, Unicamp.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. *Para mapear o confronto político*. Lua Nova, São Paulo, 76: 11-48, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a02.pdf> >. Acesso em: 10 jul. 2015.

MILHOMENS, Lucas. *Entendendo o ciberativismo sem terra na nova esfera pública interconectada*. 2009, Dissertação (mestrado em Comunicação) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

PIRES, Marília Freitas de Campos. *O materialismo histórico dialético e a educação*, 1997. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf> >. Acesso em: 11 jul. 2016.

RODRIGUES, Léo. *Entenda o que é a PEC 37*. Portal EBC, 2013. Disponível em: < <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/entenda-o-que-e-a-pec-37> >. Acesso em: 22 maio 2016.

SOARES, Raí Vieira. *Autocracia burguesa e ditadura civil-militar: considerações sobre o movimento estudantil*. Revista Movimentos Sociais, Vol. 1, Nº 1, Ano 1, 2016. Disponível em:

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017. [109]

<http://redelp.net/revistas/index.php/rms/article/view/441/pdf_4> Acesso em: 23 maio 2016.

TARROW, Sidney. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009

TILLY, Charles. *From mobilization to revolution*. Nova York: Random House, 1978.

VERAGO, Josiane Lombardi. *Autogestão e relações de mercados capitalistas: autonomia ou adaptação?* 2016. Disponível em:< http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt7/sessao2/Josiane_Lombardi.pdf >. Acesso em: 21 jul. 2016.

VIANA, Nildo. *Juventude e sociedade: ensaios sobre a condição juvenil*. São Paulo: Giostri, 2015.

VICENTE, Marcos Xavier. *A polícia militar sem farda*. Gazeta do Povo, Editoria de Vida e Cidadania, 2009. Disponível em: < <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-policia-militar-sem-farda-blk4lcb53y9cnb0pbbuihiry>.> Acesso em: 19 set. 2016.

TILLY, Charles. *From mobilization to revolution*. Nova York: Random House, 1978.

WERNECK, Marcelo Martins. *Como funcionam os radares de trânsito?* Revista Ciência Hoje, 2009. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/revista->

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[110]

ch/revista-ch-2009/257/como-funcionam-os-radares-de-transito >. Acesso em: 20 mar. 2016.

ZIZEK, Slavoj. *A tinta vermelha*: discurso de Slavoj Žižek aos manifestantes do movimento Occupy Wall Street, 2011. Disponível em: <<http://umaincertaantropologia.org/2013/02/27/a-tinta-vermelha-discurso-de-slavoj-zizek-aos-manifestantes-do-movimento-occupy-wall-street-boitempo/>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

Resumo:

A Frente de Luta pelo Transporte, movimento estudantil criado em Goiânia em 2013, luta contra o aumento da tarifa e reivindica melhorias na qualidade do transporte coletivo urbano. Organização horizontal, tem como principais atributos a autonomia frente a partidos políticos, instituições e sindicatos. No entanto, sofre com a repressão do Estado e da polícia, e com a criminalização do movimento, o que o levou ao refluxo.

Palavras-chave: Frente de Luta pelo Transporte, movimento estudantil, autonomia.

Abstract:

The Front for Struggle for Transport, a student movement created in Goiânia in 2013, struggles against the increase in tariffs and demands improvements in the quality of urban collective transportation. Horizontal organization, has as its

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 02, jan./jun. 2017.
[111]

main attributes the autonomy of political parties, institutions and unions. Nevertheless, it suffers with the repression of the State and the police, and with the criminalization of the movement, which led to the reflux.

key words: Front of Fight for Transport, student movement, autonomy.